

“Estou me guardando para quando o carnaval chegar”: reflexões sobre o trabalho na contemporaneidade

I'm saving myself for When the carnival arrives: reflections on work in
contemporary times

Eric Matheus Faria Martins¹, Alessandra Gomes Mendes Tostes²

RESUMO: Com a ascensão do capitalismo como sistema político-econômico dominante, cria-se nas sociedades que são incorporadas a esse sistema, novas perspectivas sobre como ocorre a divisão do trabalho social, a formação das classes sociais e a distribuição do poder. A estrutura primordial do capitalismo é fundamentada a partir da posse do capital como critério principal para a divisão da sociedade. É a partir dessa constatação, que se propõe uma análise do filme de Marcelo Gomes *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*, a partir das contribuições dos pensadores clássicos da sociologia, Émile Durkheim, Karl Marx e, Max Weber. Como ocorre a atividade do trabalho em Toritama? Que tipo de solidariedade social é gerada nas fábricas domésticas? Como ocorre a lógica do “tempo é dinheiro” em Toritama?

PALAVRAS-CHAVE: trabalho, clássicos da sociologia, análise de obra.

ABSTRACT: With the rise of capitalism as the dominant political-economic system, new perspectives on the division of social labor, the formation of social classes and the distribution of power are created in the societies that are incorporated into this system. The primordial structure of capitalism is based on the possession of capital as the main criterion for the division of society. It is from this observation that we propose an analysis of Marcelo Gomes' film *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*, based on the contributions of the classic thinkers of sociology, Émile Durkheim, Karl Marx, and Max Weber. How does labor activity occur in Toritama? What kind of social solidarity is generated in the domestic factories? How does the logic of "time is money" occur in Toritama?

KEYWORDS: work, sociological classic, word analysis

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar as condições de trabalho apresentadas no documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019) dirigido por Marcelo Gomes, realizado em

¹ Bolsista de Iniciação Científica para o Ensino Médio financiado pelo CNPq, no período 2022/2023. Aluno da 2ª série do ensino médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa. Email: ericmfmartins@gmail.com.

² Cientista social, mestre em extensão rural. Bacharela em Direito. Pesquisadora sobre ensino de Sociologia. Professora e Coordenadora da área das Ciências Sociais do CAp-Coluni.

Toritama/PE. A cidade é conhecida como a *Capital do Jeans* devido à forte presença de facções – pequenas confecções de roupas de jeans, nos mais variados espaços. Para isso, recorre-se à algumas das contribuições de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber acerca das esferas do trabalho, da economia, da política e da sociedade para analisar o cenário e as relações sociais abordadas no documentário.

Toritama é uma cidade situada no agreste de Pernambuco e possui cerca de 45 mil habitantes. Dessas, segundo estimativas do SEBRAE (2019), 36.045 mil estão empregadas no setor têxtil. Esse dado demonstra o alto grau de informalidade nos empregos da cidade. Esse elevado número de pessoas empregadas no setor têxtil é consequência da alta demanda de produção de jeans que a cidade possui. A cidade de Toritama é responsável pela produção de cinco milhões de peças/mês, representando cerca de 15% de jeans de todo o território nacional.

“Na minha memória, Toritama era uma cidade que tinha outra velocidade. Às oito da manhã, quase não se via movimento na rua. A paisagem mudou. Nos grandes terrenos vazios se construíram fábricas de produção de jeans, e a maioria das casas se transformou em pequenas fábricas de fundo de quintal chamada de facção.” (GOMES, 7:37, 2019)

O diretor Marcelo Gomes abre o documentário com uma breve apresentação da cidade de Toritama, ou pelo menos, do que era Toritama, a partir do seu ponto de vista. Ele relata a cidade de antes como um local calmo e praticamente rural. Com a chegada das confecções de *jeans* na cidade, a região transformou-se numa área em que grande parte de seus habitantes se ocupam na cadeia produtiva das peças de *jeans* – cortam, costuram, tingem, criam, comercializam.

Ao longo de todo documentário, é demonstrada a vida maçante e repetitiva desses trabalhadores autônomos e informais. Esse retrato não se baseia em dados estatísticos, mas sim nos relatos e vivências dos trabalhadores e trabalhadoras, moradores na cidade.

OS SISTEMAS DE PRODUÇÃO – TAYLORISMO E FORDISMO

Ao tentarem formular uma caracterização mínima para o capitalismo, Boltanski e Chaiepele (2009) enfatizam a lógica do acúmulo ilimitado de capital por meios formalmente pacíficos (BOLTANSKI e CHAIPELO, 2009, p. 35). Nessa análise, os autores, compreendem que o acúmulo de capital não se dá pelo acúmulo de riquezas, mas sim, através da geração do lucro.

Ao pensar o lucro, deve-se ter em mente que ele é proporcional à otimização do tempo e, principalmente, à diminuição dos custos. Um dos primeiros pensadores a se debruçar acerca do aumento da lucratividade, foi o engenheiro mecânico Frederick Taylor, em sua obra *Princípios da Administração Científica do Trabalho*, publicada em 1911.

As ideias de Taylor se consolidaram no que seria o primeiro sistema de produção do capitalismo: o taylorismo, caracterizado principalmente pela gerência sistematizada do modo de produção. Ao analisar essa gerência do trabalho, Braverman (1897: 82) conclui que ela é o “empenho no sentido de aplicar os métodos científicos aos problemas complexos e crescentes do controle do trabalho nas empresas capitalistas em rápida expansão”. Desse modo, Braverman aponta que a gerência do trabalho sempre existiu entre os operários a partir de experimentações e testes. No entanto, o que consagra a teoria de Taylor, segundo ele, é o fato de o estudo do trabalho ser feito pelos que elaboram e em favor deles (RIBEIRO, 2015, p. 2).

Com o advento de novas tecnologias e novas demandas, surgiram outros sistemas para a reestruturação produtiva. O toyotismo surge a partir de uma crise no sistema fordista e tem como características principais a flexibilização da produção, a adoção da produção *just-in-time* e a produção sob demanda. Como efeitos, há o aumento da terceirização e uma maior diversidade na fabricação de produtos, contrapondo ao modelo fordista na qual, segundo seu criador Henry Ford, “cada comprador podia pintar o seu da cor que lhe agradasse, mas que só o receberia preto” (FORD, 1925, p. 98).

Ao analisar os processos produtivos em Toritama, podemos observar que os modelos taylorista, fordista e toyotista se fundem na cadeia produtiva das peças de *jeans*. Nenhum dos sistemas produtivos é praticado integralmente, uma vez que há uma adaptação dos sistemas às realidades e às condições locais. São sínteses observáveis como o taylorismo presente no gerenciamento do tempo na execução de cada uma das etapas da confecção, arraigado na lógica do ‘quanto maior for a produção, maior será a remuneração obtida’. O toyotismo é observado na produção de uma grande variedade de produtos de vestuário com a mesma utilidade e feitos a partir da mesma matéria-prima, o *jeans*.

CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA MARXIANA NA ANÁLISE DO TRABALHO EM TORITAMA

No percurso do documentário, é recorrente o entendimento das pessoas entrevistadas sobre o trabalho autônomo como algo melhor que o trabalho assalariado, formal. Como justificativas tem-se que é bom porque é possível “Entrar e sair a hora que quer” (GOMES, 17:20, 2019) e porque “O melhor é trabalhar pra você mesmo [...] Isso é uma vida ruim? É nada, ruim é pra quem morre” (GOMES, 21:01, 2019). Tem-se que o trabalho autônomo apresenta, de certa forma, uma ruptura com identidades construídas a partir das classes sociais, como proposto pela teoria marxiana, ao

passo em que as condições e a atividade laborativa exercida pelos produtores de roupas *jeans* caracteriza, em pesos e medidas diferentes, o trabalho proletarizado.

O que ocorre em Toritama é uma dicotomia entre a ideologia³ do discurso empreendedor e o trabalho precarizado. A ideologia do empreendedorismo visa criar uma realidade em que todos são responsáveis pelo sucesso pessoal, uma vez que, é a partir do trabalho em que os indivíduos conseguem ascender socialmente. No entanto, esse discurso meritocrático mascara as condições de trabalho precarizadas no setor têxtil toritamense. O surgimento desse “pseudo” empreendedorismo funciona como discurso legitimador de violações do vínculo empregatício, dado que, os funcionários das facções se enquadram em relações de trabalho flexíveis e informais, desobrigando os empresários a pagarem direitos que trabalhadores formais teriam, além de transferirem para eles todos os riscos das oscilações do mercado.

Além da alienação da produção, os trabalhadores autônomos, ao assumirem a responsabilidade de produzirem em facções informais, assumem, também, diversos custos empresariais, como energia e manutenção das máquinas, custos esses que, dentro da formalidade, ficariam sob encargo do empresário. Desse modo, o empresário instala novamente um vínculo empregatício prejudicial, uma vez que, ele não se responsabiliza diretamente por nenhum ônus empresarial.

Em Toritama é possível reconhecer que, embora os trabalhadores sejam em sua maioria autônomos, o que poderia significar que são donos de sua própria produção, de fato, há uma alienação deles quanto ao processo. Do trabalho exercido dentro da cadeia produtiva da indústria têxtil ao ruído gerado pelas máquinas em intensa produção, relatados pelo diretor do documentário como: “O barulho ensurdecador das máquinas me causa ansiedade. Agora a repetição desse movimento é que me causa angústia” (GOMES, 28:55, 2019), vê-se que o trabalho nessas condições é algo maçante, repetitivo e percebido como exterior a quem o realiza.

Noutro trecho do documentário, há o relato de uma trabalhadora que já fora empregada formal no setor têxtil e naquele momento, se dedicava ao trabalho na facção. Entendendo o valor pago pela tarefa como uma forma de obtenção do lucro pelo trabalho na fabricação das peças *jeans*, ela calcula:

“Se você fizer 100 bocas de bolso, aí você ganha 10 reais. Se você 1000 bocas de bolso, você ganhou 100 reais. Se você fez uma braguilha [...] 20 centavos, se você fez 1000 num dia, você fez 200 reais. Vai da produção de você dá.” (GOMES, 20:24, 2019)

³Ideologia na visão marxiana refere-se a um conjunto de ideias e doutrinas que passam a designar uma falsa consciência acerca da realidade. A ideologia nessa perspectiva, mascara realidade e impede que o indivíduo reconheça o mundo como é, criando, dessa forma, sujeitos acríticos.

Pode-se depreender que, apesar de se denominarem como autônomos, a maior parte dos trabalhadores e trabalhadoras recebe uma pequena parcela de lucro sobre o que é produzido, seguindo a dinâmica da relação própria do capitalismo. Uma questão que se evidencia é: por que, apesar de autônomos, estes trabalhadores e trabalhadoras não recebem uma parcela maior de lucro sobre o que produzem?

As análises produzidas por Karl Marx e Friedrich Engels, já demonstravam a presença da extração de mais-valia (absoluta e relativa), das condições de alienação do trabalhador frente aos processos produtivos e de que a atividade do trabalhador não está totalmente sob seu domínio (MARX, 2011).

Nos quadros empregatícios *uberizados* atuais, o que se analisa é que, além da mais-valia existente nos modos de produção, é visualizado uma retirada quase que total dos ônus do empresário/contratante dos serviços (como custos com manutenção, direitos trabalhistas, entre outros). Esse enxugamento das obrigações do contratante cria uma espécie de mais-valia agressiva para com os funcionários autônomos, tendo em vista que, além da exploração do trabalho a partir da mais-valia, os funcionários são sobrecarregados por todo o ônus e custos da produção, reduzindo ainda mais os lucros obtidos a partir do trabalho.

Outro fenômeno analisado em Marx é que no modo de produção capitalista o trabalho deixa de ser livre e passa a ser unicamente um meio para que a pessoa sobreviva. Esse fenômeno é perceptível em duas falas de pessoas entrevistadas no documentário: “o principal daqui de Toritama é o jeans, se o *jeans* acabar, 99% de Toritama se acaba” (GOMES, 53:18, 2019) e “Toritama não tem nada, Toritama é trabalho” (GOMES, 23:50, 2019). Nesses discursos é visível o quanto a atividade laborativa dentro do capitalismo, está ligada à lógica de reprodução da vida material e da acumulação de capital.

O documentário também ressalta a alteração dos meios de trabalho. Ao entrevistar Dona Zilda, o diretor analisa que “o mundo rural é engolido por um mundo industrial, um mundo industrial que só se expande” (GOMES, 34:48, 2019). Desse modo, observa-se em Toritama a transição do mundo rural, presente nas relações sociais, nas instalações, infraestruturas e máquinas, para um mundo industrial, construído numa base arcaica. Essa constatação é possível pelo reconhecimento, no sítio de Dona Zilda, de uma estrutura rural, composta por galinheiros e ferramentas rurais, como enxadas e arados, que são substituídas por uma estrutura industrial, composta por máquinas de costura industrial e na transformação do espaço que antes era um galinheiro em depósito para as peças em *jeans*.

CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA DURKHEIMIANA NA ANÁLISE DO TRABALHO EM TORITAMA

Nessa parte do artigo, busca-se compreender como ocorre a divisão social do trabalho e como se dá a solidariedade social em Toritama, a partir dos referenciais teóricos de Émile Durkheim.

Numa primeira análise, compreende-se a divisão social do trabalho como a divisão que gera a sociedade, apoiada em critérios em que os próprios indivíduos criam, como sexo, idade, cor da pele, habilidades, etnia, poder. Em Toritama, podemos ver que a divisão social do trabalho se dá, principalmente, por critérios de posse de capital, sexo e idade.

O marcador ‘capital’, por tratar-se de um grupo social estabelecido na lógica capitalista, no qual a divisão dá-se entre quem possui e quem não possui capital. A divisão social do trabalho pelo marcador do sexo é evidenciada no documentário com a maior presença de mulheres exercendo tarefas voltadas ao uso direto da máquina de costura enquanto os homens se ocupam de tarefas mais elaboradas, mesmo que manuais, como a personalização da peça de *jeans*. Essas tarefas de ‘customização’ são compostas por uma técnica de *destroyed jeans* (destruir o jeans), que agrega valor à peça de *jeans* seguindo tendências de mercado de consumo. Já essa divisão por idade ocorre de maneira mais diluída, pois é possível observar dentro da cadeia produtiva que compõe as facções a existência de pessoas jovens exercendo atividades mais exaustivas, assim como de pessoas mais velhas exercendo atividades mais leves e menos complexas, como as tarefas de acabamento (retirada de excesso de linhas nas peças), e adultos exercendo a função de monitorar o trabalho dos jovens ainda sem experiência dentro da escala de produção.

Ao analisar as relações sociais sob a ótica durkheimiana identifica-se, portanto, a produção de um tipo de solidariedade social orgânica. Como fenômeno sociológico, a solidariedade social configura os laços que unem os indivíduos à sua coletividade. E, neste caso, a solidariedade orgânica é a solidariedade social que liga os indivíduos à coletividade a partir da interdependência entre os indivíduos, derivado do alto grau de diversidade e especialização nas funções e dos trabalhos produzidos. A divisão social do trabalho experienciada nas facções em Toritama gera essa solidariedade orgânica, produzindo laços sociais em que nenhum trabalhador constrói uma peça sozinho. Uma mesma peça passa por diversas etapas em diferentes facções até ficar pronta, ou seja, em cada facção produz-se uma parte da peça de vestuário em *jeans*.

CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA WEBERIANA PARA A ANÁLISE DO TRABALHO EM TORITAMA

Uma das primeiras conversas que ocorrem no documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* acontece entre o diretor, Marcelo Gomes, e Léo, um morador em Toritama. Durante a conversa, Léo, que produz peças de *jeans*, afirma que “meu nome é Trabalho, apelido Hora Extra” (GOMES, 15:49, 2019). Essa é uma ideia consolidada tanto em grande parte dos toritamenses, quanto em grande parte dos habitantes do mundo ocidental e compõe o discurso reconhecido desde as orientações feitas por Benjamin Franklin, citado em Weber:

“Lembra-te de que tempo é dinheiro. Aquele que pode ganhar dez xelins por dia por seu trabalho e vai passear ou fica vadiando metade do dia, embora não dispenda mais do que seis pences durante seu divertimento ou vadiação, não deve computar apenas essa despesa; gastou, na realidade, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais.” (WEBER, p. 29)

Esse ideário de que ‘tempo é dinheiro’ advém, principalmente, de um ascetismo mundano, identificado por Max Weber, na obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, publicada em 1905, ao analisar o acúmulo de capital em países de matriz protestante. O ascetismo mundano pode ser entendido como um comportamento social em que os seguidores das doutrinas religiosas protestantes se dedicam à aplicação profissional dos frutos do trabalho, não se importando com os prazeres que o acúmulo de riquezas pode possibilitar. Em Toritama, esse ideário existe como ideologia: não há gozo de férias, não há períodos regulamentados de descanso, nem tempo para o lazer e o ócio. Todo o tempo ‘livre’ é tomado como uma oportunidade de ‘fazer dinheiro’. Neste caso, outra questão insurge: se a vida dos toritamenses é baseada em acumular dinheiro para se obter uma reserva financeira porque, quando chega o carnaval, eles não possuem dinheiro para a viagem e precisam vender seus bens para esse período de lazer e ócio?

É preciso retornar à Marx. Ao analisar a exploração da força de trabalho, este autor apresenta as suas causas, dentre as quais o mais-valor, como caminho para a compreensão da questão posta. Marx (2011) entende que o mais-valor é “a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista”. Compreende ainda, “o trabalhador emprega mais da metade de sua jornada de trabalho para produzir um mais-valor que pessoas diversas, sob pretextos diversos, repartem entre si” (MARX, 2011). Logo, a partir dessas constatações pode-se concluir que, embora os trabalhadores tentem acumular dinheiro, eles não conseguem porque grande parte das suas produções, são convertidas em mais-valor, restando a eles, pouca parte daquilo que produzem.

Outra análise que é possível extrair das relações de trabalho apresentadas pelo documentário em Toritama envolve o conceito de disciplina na perspectiva de Max Weber (1979). Tem-se que:

“O conteúdo da disciplina é apenas a execução da ordem recebida, coerentemente racionalizada, metodicamente treinada, e exata, na qual toda crítica pessoal é incondicionalmente eliminada e o agente se torna um mecanismo preparado exclusivamente para a realização da ordem.” (WEBER, 1979, p. 177)

Desse modo, entende-se que a disciplina é a transformação de sujeitos históricos em sujeitos alheios às suas condições humanas. Em Toritama, cada trabalhador, ou trabalhadora, realiza seu trabalho seguindo uma disciplina metódica e racionalizada. Há uma transformação dos moradores da cidade em indivíduos indistintos, produtores de coisas, desumanizados e em condições em que cada um está no local para cumprir as tarefas sob as regras estabelecidas, ao finalizá-las ir pra casa dormir e iniciar a mesma rotina dia após dia, até o carnaval chegar.

A VÉSPERA DO CARNAVAL

A chegada do carnaval representa uma catarse. A véspera, que acontece na sexta-feira que antecede o fim de semana, é cercada por um desespero coletivo no qual é preciso conseguir dinheiro para viajar para o litoral e fugir de Toritama. O vendedor de produtos usados conhecido como Dior afirma que “bate um desespero quando vê o povo indo embora” (GOMES, 1:04:43, 2019), como se ficar em Toritama durante o carnaval fosse sinônimo de perder a única oportunidade no ano em que se pode ter um pequeno tempo de lazer. O desespero é do tamanho dos esforços feitos pelas pessoas para se obter dinheiro para pagar a viagem rumo ao litoral: vende-se os automóveis, os eletrodomésticos ou se recorre à agiotagem, como afirma a entrevistada, Isabelle - “nem que seja com o agiota, mas eu arrumo emprestado” (GOMES, 01:07:17, 2019).

Enquanto alguns moradores ofereciam eletrodomésticos e eletroeletrônicos para a venda Marcelo Gomes pergunta “E quando voltar, como é que vai ser?” e recebe a resposta imediata do entrevistado: “Aí é trabalhar pra comprar outra” (GOMES, 01:08:30, 2019). Nesse diálogo encontra-se a síntese sobre a vida em Toritama: a vida ali é cíclica, inicia com o fim do carnaval num ano e termina com o início do carnaval no ano seguinte. Não importam as demais datas comemorativas como Natal, Festas de São João. E, a partir dessa concepção, não há problema em vender seus itens, uma vez que, após o carnaval, muitos moradores de Toritama irão trabalhar para recuperar o que venderam para que na véspera do próximo carnaval eles vendam novamente, compondo o ciclo de vida.

Mas essa dinâmica social apresenta, de certa maneira, uma quebra nos paradigmas do sistema capitalista: entre os trabalhadores entrevistados no documentário, havia aqueles que afirmavam não se sentirem obrigados a acumular dinheiro. Ora, ao entender dinheiro como “a mercadoria que funciona como medida de valor e, desse modo, também como meio de circulação, seja em seu próprio corpo ou por meio de um representante, é dinheiro”, (MARX, 2011, p. 157), é importante diferenciar dinheiro e capital. O dinheiro é entendido somente como dinheiro quando ele facilita a troca de mercadorias, seguindo a lógica MERCADORIA – DINHEIRO – MERCADORIA (M-D-M), ao passo que o capital é o dinheiro com o objetivo de adquirir algo que aumente o valor da mercadoria, seguindo a lógica DINHEIRO – MERCADORIA – DINHEIRO (D-M-D), conforme MARX, 2011. Neste caso, nas falas de alguns entrevistados do documentário, é possível reconhecer uma dose de rebeldia no momento em que se opta pela não acumulação de dinheiro e se prioriza o lazer, o ócio, possibilitado no período do carnaval.

E CHEGA O CARNAVAL

Quando chega o final de semana que compõe o período do carnaval, aqueles que conseguiram dinheiro suficiente para se deslocar para o litoral abandonam Toritama para curtirem o único período de lazer que possuem. Durante esse período, Toritama é retratada por Marcelo Gomes da seguinte forma:

“Nem o ruído de máquina de costuras, quase nem um barulho de carro e poucas pessoas na rua. É quando a produção de *jeans* é suspensa que me encontro com a Toritama que conheci a 40 anos atrás.” (GOMES, 1:11:36, 2019)

Léo é um dos que se deslocam para o litoral. Ao ir para a praia, ele recebe uma câmera da produção do documentário para retratar o cotidiano dele e sua família enquanto lá permanecerem. São cenas fortes e impactantes que retratam uma inocência, uma humildade entre as pessoas gravadas, principalmente em Léo, que possui a inocência semelhante à uma criança.

E DEPOIS DO CARNAVAL

Quando os trabalhadores voltam para Toritama, o ciclo de produção das peças de *jeans* se inicia novamente. Os ruídos das máquinas, o tumulto, o barulho de carros voltam a compor o tempo paralelo do rural/industrial na realidade da cidade.

“Toritama muda a cada dia, somente a chuva que cai depois do carnaval permanece a mesma, ela anunciava o início do plantio para os agricultores, agora, anuncia o fim das férias dos trabalhadores autônomos que retomam a produção de *jeans* orgulhosos por serem donos do seu próprio tempo.” (GOMES, 1:18:44, 2019)

A questão principal que permeia as práticas é: vale a pena ser dono do próprio tempo se esse tempo é suprimido pelas condições de lazer, bem-estar e descanso?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do estudo sobre as relações de trabalho nas facções de confecção de peças de *jeans* em Toritama/PE, a partir do documentário *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*, demonstrou como a categoria ‘trabalho’ permanece como central na vida dos moradores daquela cidade, envolvidos na grande cadeia produtiva da indústria têxtil e no mercado consumidor do vestuário. As contribuições dos pensadores clássicos da sociologia nos permitem romper a camada superficial do senso comum e reconhecer os mecanismos e processos que colocam os trabalhadores e trabalhadoras da cidade Toritama/PE no sistema de produção industrial incorporado aos modelos de produção flexível, de ausência de direitos trabalhistas e de imposição de condições precárias e frágeis que garantem a exploração do trabalho e a manutenção da alienação no processo produtivo.

REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, Lue; CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. WMF Martins Fontes, 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4410631/mod_resource/content/0/BOLTANSKI%20e%20CHIAPELLO%20O%20novo%20espírito%20do%20capitalismo.pdf. Acesso em: 21 jul. 2022.

BRAVERMAN, Henry. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

ESTOU me guardando para quando o carnaval chegar. Direção: Marcelo Gomes, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9iHDISle10Y&t=467s>. Acesso em: 26 mar. 2022.

FORD, Henry. **Minha vida e minha obra**. Monteiro Lobato, 1925.

MARX, Karl. **O Capital: Livro I**. [S. l.]: Boitempo, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547757/mod_resource/content/1/MARX%2C%20Karl.%20O%20Capital.%20vol%20I.%20Boitempo.pdf. Acesso em: 21 jul. 2022.

MENDES, Alessandra Gomes, **Nota de aula 2** - o mundo do trabalho: divisão do trabalho e força de trabalho. 2022, Viçosa.

MENDES, Alessandra Gomes, **Nota de aula 3** - o mundo do trabalho: divisão do trabalho, e integração social e interdependência. trabalho e racionalidade. 2022, Viçosa.

MENDES, Alessandra Gomes, **Nota de aula 4** - o mundo do trabalho nas sociedades contemporâneas. 2022, Viçosa.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. Taylorismo, fordismo e toyotismo. **Lutas Sociais**, [s. l.], v. 19, ed. 35, 31 dez. 2015. DOI 10.23925/ls.v19i35.26678. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/26678/pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SEBRAE; NECTAR. **Estudo Econômico das Indústrias de 1 Confecções de Toritama/PE.**, abril 2019. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/RELATORIO-TORITAMA-FINAL.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2022.

WEBER, M. **As origens da disciplina**. In: ENSAIOS DE SOCIOLOGIA. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 177.

WEBER. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**, Tübingen, 1904/05. Disponível em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/autores/Weber,%20Max/Max%20Weber%20%20A%20ÉTICA%20PROTESTANTE%20E%20O%20ESPÍRITO%20DO%20CAPITALISMO.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2022.